



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios

AS MIGRAÇÕES ENTRE O CAMPO E A CIDADE: QUEM MIGRA E PORQUE SE MIGRA?

BARONET, Paulo R.

Mestre em Sociologia

Santa Casa da Misericórdia de Castro Daire

paulo_baronet@hotmail.com

Resumo

Vivemos na era das migrações. As mobilidades geográficas são constantes: diárias, semanais, anuais. Em Portugal as migrações entre o campo e a cidade é uma realidade complexa e relacional.

Baseados num estudo construído metodologicamente sobre uma abordagem qualitativa, pretendemos articular diferentes paradigmas teóricos, de modo a alcançarmos uma melhor compreensão dos padrões migratórios, nomeadamente os relacionados com a migração entre o campo e a cidade. A investigação revela que este tipo de migração deriva da combinação de processos individuais e estruturais. Focando a nosso olhar nas estratégias migratórias dos jovens do campo para a cidade, identificamos e caracterizamos um conjunto de diferentes trajetórias migratórias: a trajetória da ambição, a trajetória de acomodação e a trajetória de reaproximação.

Abstract

We live in the age of migrations. Geographical mobility is constant: daily, weekly, yearly. In Portugal migrations between countryside and the city is a complex and relational reality.

Based on a study methodologically built over a qualitative approach, we intend to articulate different theoretical paradigms in order to achieve a better understanding of migration patterns, namely those related to migration between countryside and the cities. The results of our investigation reveal that this kind of migrations result from a combination of individual and structural processes. Focusing on youngsters' strategies of migration from countryside to the city, we identify and typify a set of different migrant trajectories: the ambition trajectory, the accommodation trajectory, and the re-approach trajectory.

Palavras-chave: Campo, Cidade, Migração, Jovens, Trajetórias

Keywords: Countryside, City, Migration, Youngsters, Trajectories

[PAP0240]

1. Introdução

Num mundo cada vez mais globalizado emergem dúvidas e questões sobre como interpretar os processos imersos nesse contexto híbrido, complexo e heterogéneo. Considerando as migrações um dado adquirido dos tempos modernos/pós-modernos somos incitados a questionar: será que os paradigmas clássicos das migrações conseguem abarcar, do ponto de vista teórico e empírico, os diversos processos migratórios que ocorrem atualmente? E no caso das migrações internas, será que as análises macrosociológicas, estatísticas e documentais, predominantemente utilizadas em Portugal, dão conta dos padrões com que se revestem as mobilidades geográficas entre regiões? E quem migra afinal? Continuam a ser predominantemente jovens em idade ativa, solteiros e com baixas qualificações? Apesar de certos conceitos dos paradigmas clássicos das migrações (como imigração de povoamento, dificuldades de sobrevivência, escassez de empregos no país ou local de origem ou desequilíbrio das pressões demográficas; cf. Rocha-Trindade, 2007a) serem insuficientes para retratar o panorama atual das migrações, será que estes ainda conseguem atribuir sentido ao modo como se constroem as mobilidades geográficas entre regiões ou países?

Sendo a migração entendida sinteticamente como *“o movimento e a realocação de pessoas de uma região para outra”* (Muniz, n.d, p. 1), esta implica sempre a construção de um ciclo migratório que, tal como postula Rocha- Trindade (1995b), poderá ser descrito nos seguintes termos: a migração exige a definição de um percurso migratório assente em intenções de partir, que implicam preparativos prévios de partida. É definida uma viagem entre um local A e um local B, implicando à chegada uma primeira instalação, seguida de uma fase de inserção e consequente fixação. Numa perspetiva de futuro o migrante poderá optar pelo regresso, que implicará consequentemente uma reinserção no país ou local de origem, fechando-se assim, o ciclo migratório. Em síntese podemos afirmar que *“o conceito de migrante tem estado associado aos movimentos coletivos de pessoas que, por razões diversas, deslocam geograficamente o foco da sua vida quotidiana, designadamente no que respeita a local de trabalho e de habitação fixa”* (Rocha-Trindade, 1990c, p. 466).

Neste ciclo a questão de ouro, aquela que sempre foi colocada pelos diversos paradigmas teóricos, foi e continua a ser a mesma: porque razão as pessoas migram?

Atualmente as razões das migrações, realizadas individualmente ou em grupo, ultrapassam nalguns casos a compreensão que diversos autores clássicos evidenciaram nas suas investigações. O mundo atual é cada vez mais complexo e reflexivo, conjugando múltiplas realidades na definição de um mesmo problema. Os olhares são distintos. As posturas perante o desafio, diversas. Metodologicamente, cada vez mais se requer uma articulação variada de métodos e técnicas de investigação. E tudo porque na era da mobilidade existem «correntes» e contracorrentes», sociais, teóricas e políticas, que complexificam o olhar que temos sobre quem migra e porque se migra.

Os paradigmas teóricos que têm procurado dar resposta a esta questão central são tão diversificados, como vastas ainda são as nossas inquietações sobre as causas, primárias ou secundárias, das migrações. Entre eles poderemos destacar três abordagens distintas: o modelo neoclássico de escolha individual, a abordagem histórico-estrutural e a perspetiva domiciliar. (Muniz, n.d.) Desta diversidade epistemológica emergem distintas perspetivas de resposta à questão nuclear das mobilidades geográficas. Não querendo nos debruçar sobre a explanação dos diferentes paradigmas teóricos, nem muito menos descrever as tipologias que interpretam os processos migratórios, iremos em seguida, baseados num estudo de caso realizado no concelho de Castro Daire, procurar dar resposta à questão de ouro das migrações. Para tal articularemos diferentes perspetivas teóricas de modo a construirmos um quadro explicativo que se requer o mais interdependente possível.

2. As migrações não ocorrem no vazio!

As migrações implicam sempre a (des) construção e reestruturação dos hábitos de ação e das disposições individuais de quem migra. Quando se trata de migrações internas (aqui entendidas sobretudo como mobilidades entre o campo e a cidade), é de prever que ocorra, na maior parte dos casos, um confronto entre as disposições individuais herdadas no meio rural e as adquiridas em meio citadino. A rutura física, afetiva e emocional, característica dos processos migratórios, é sempre acompanhada de esperanças subjetivas que procuram antever os benefícios da mobilidade. A decisão de migrar, como veremos, poderá surgir do confronto que as pessoas travam com as oportunidades objetivas proporcionadas pelas estruturas socioeconómicas de uma dada região. O resultado da batalha travada no campo dessas oportunidades nem sempre é favorável a quem o enfrenta. O desemprego, a dependência, a falta de perspectivas, os baixos rendimentos, a impossibilidade de mobilidade ocupacional, as fracas recompensas são, para algumas pessoas, os seus maiores inimigos. Não só os impedem de progredir (na carreira, na aquisição de uma nova habitação, no acesso aos bens de consumo/lazer, etc.), como também lhes enfraquecem as esperanças subjetivas de verem melhoradas as suas condições de existência. Como postula Pierre Bourdieu (1998), cada membro da sociedade assume uma ambição efetiva de controlar as regras do jogo, e consequentemente o provir. O certo é que, para alguns, esse controlo é uma falsa questão, porque para se controlar o provir é igualmente necessário ter-se o poder de controlar o presente. Será a falta de garantias desse controlo que conduz muitas pessoas a migrar de certas regiões do interior para os agregados urbanos. Não se trata aqui da busca pelo «El Dourado», mas tão só da necessidade que as pessoas sentem de melhorar as suas condições de existência e de fazerem cumprir os seus projetos, sonhos e ambições.

Para dar resposta a esta e outras questões, a vasta literatura das migrações gerou uma tendência para o confronto entre diversas perspetivas teóricas, cada qual com a sua visão de dar resposta ao problema, por que razão se migra? Este estudo vem mostrar que poderemos ter uma leitura abrangente e interdisciplinar do problema, articulando diferentes paradigmas teóricos num mesmo universo de análise.

2.1. Argumento

Recorrendo ao nosso estudo poderemos confirmar essa articulação. Ele vem dar relevo ao argumento que as migrações entre o campo e a cidade, no contexto português, poderão ocorrer do confronto que as pessoas travam entre as oportunidades objetivas proporcionadas pelas estruturas socioeconómicas de uma dada região e as esperanças subjetivas que moldam as disposições individuais de crer e agir (Lahire, 2005) dos jovens, no sentido de estes alcançarem garantias que lhes permitam fazer frente às debilidades e «inércias» dessas estruturas, e assim, conquistar condições de existência mais favoráveis (no emprego, habitação, consumo, lazer, etc.) Apesar de os jovens entrevistados denotarem uma certa heterogeneidade quanto às suas intenções de partida, revelam que a construção social das trajetórias de saída resulta da relação entre as oportunidades de emprego da região, as suas disposições individuais de crer e agir (hábitos de ação, representações, expectativas, projetos, sonhos e ambições) e as respetivas condições sociais objetivas (estado civil, idade, sexo, condição de classe, habilitações, etc.) (Baronet, 2012a). Este argumento procura articular aspetos estruturais, sociais e pessoais num mesmo nível de análise, mostrando que a dicotomia indivíduo – sociedade poderá também ser lida de forma interdependente e relacional.

2.2. Como se constroem as trajetórias de saída?

No desenvolvimento deste argumento é possível articular teorias microsociológicas, que concedem um privilégio analítico ao papel do agente individual, como agente de ação, com teorias macro, que privilegiam “a ação de fator coletivo, ou estruturante, que condicionam, sob formas diversas, as decisões migratórias dos agentes sociais” (Peixoto, 2004, p. 22). Como veremos é possível conjugar as teorias micro do «push-pull», do capital humano, do ciclo de vida e da trajetória social, com as teorias macro das estruturas espaciais e socioeconómicas, das redes sociais e de vertente marxista.

Dito isto somente nos resta questionar: porque razões migram os jovens do concelho de Castro Daire para os agregados urbanos?

A primeira pista de análise prende-se com a natureza das estruturas socioeconómicas da região, nomeadamente o mercado de emprego local e, em geral, todo o espaço produtivo local, entendido por Jean-Pierre Gilly como um “*modo específico de organização industrial, baseado num complexo mais ou menos denso de relações inter-empresas (dinâmica industrial) e como um local de mobilização e utilização de mão-de-obra de acordo com as políticas de emprego (dinâmica social)*” (Gilly, 1987: p. 116). A debilidade desse espaço produtivo na região de Castro Daire enfraquece em demasia as bacias de emprego, provocando desfasamentos entre a oferta de emprego localizada espacialmente e a procura de emprego localizada temporalmente. (Baronet, 2012a). Nasce assim uma correlação negativa entre a dinâmica industrial e a dinâmica social, que conduz diversos jovens ao desemprego e à dependência familiar e estatal (ex. rendimento social de inserção/subsídio social de desemprego). Subentende-se que, neste cenário, os fluxos migratórios intensificam-se, dadas as características periféricas da região que derivam de dois traços fundamentais: fraco grau de integração (baixas taxas de atividade, poucas profissões liberais, técnicos e quadros superiores, indústria de transformação de pequena dimensão); e forte grau de marginalização (elevadas taxas de desemprego, ainda significativa taxa de analfabetismo, etc.) (Ferrão e Jensen-Butler, 1988). Neste contexto, os agregados urbanos, sobretudo as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e algumas «constelações urbanas» (eixo Lamego – Vila Real; Viseu e o seu entorno urbano) (Marques, 2005) atraem facilmente os jovens por aí concentrarem as suas atividades produtivas, e por se apresentarem enquanto lugares de reprodução da força de trabalho e do capital.

Ao nível das estruturas socioeconómicas as conclusões são claras: os jovens interpretam essas estruturas como desfavoráveis à fixação local, por não garantirem, para uns, um emprego, para outros, a progressão ascendente no emprego e na vida. A generalidade dos jovens entrevistados classifica o mercado de emprego local como escasso, com poucas oportunidades de emprego ou mobilidade, limitado, secundário, fraco e incapaz de fixar a generalidade dos jovens. Afirmarões como: “fraco, completamente fraco. Castro Daire tem comércio interno, três ou quatro empresas, e nada mais. Fraco, completamente fraco” (João, consultor na Cidade de Lisboa) (Sousa, 2010), são afirmações transversais ao longo do decorrer das diversas entrevistas. Poderemos assim reter que as oportunidades objetivas das estruturas produtivas e laborais não são as mais favoráveis para efeitos de fixação local. Apesar de o mercado de emprego não estar fechado em termos absolutos, acusa graves dificuldades na integração e circulação de mão-de-obra nos diversos setores de atividade.

Em síntese diremos que esta abordagem macro remete para a interligação entre as estruturas produtivas/laborais e as relações sociais. As migrações nesta perspetiva são motivadas pelos obstáculos ou «inércias» que essas estruturas colocam aos jovens.

No entanto, esta abordagem não é suficientemente explicativa para justificar unicamente as razões das migrações, porque versa a sua análise meramente nas condicionantes externas à decisão de migrar (o contexto económico e o contexto social de ação), não privilegiando as racionalidades dos agentes sociais e as variáveis não económicas e intervenientes.

A segunda pista de análise tem a ver com essas racionalidades (instrumentais/utilitárias, valorativas, afetivas e tradicionais, seguindo a tipologia de Max Weber), as estratégias de mobilidade social, os investimentos pessoais e os patrimónios de disposições individuais de crer e agir.

Neste sentido, ao contrário da primeira pista de análise, as migrações poderão ser justificadas por razões que privilegiam os sentidos de ação dos agentes sociais, as suas motivações e disposições, bem como as suas diferentes racionalidades e subjetividades.

O estudo por nós conduzido revela isso mesmo. A decisão de migrar não é construída unicamente sob a influência de constrangimentos externos associados às oportunidades objetivas das estruturas socioeconómicas da região de Castro Daire. Ele revela que existem jovens que decidiram migrar, mesmo tendo oportunidades de emprego no local de origem. Isto significa que para alguns jovens não basta que haja uma oportunidade de emprego, que lhes permita o sustento ou a independência. As disposições individuais e,

sobretudo, as esperanças subjetivas, de verem concretizados/satisfeitos projetos, sonhos, ambições e expectativas, conotam-se enquanto importantes fatores de ponderação que levam certos jovens a migrar em detrimento de se fixarem localmente.

Os exemplos de Clara, enfermeira em Vila Franca de Xira, de João, consultor na cidade de Lisboa, e Francisco, jogador profissional de futebol a residir na Trofa, são claros neste sentido. Francisco não chega acabar o secundário. O sonho de ser jogador profissional de futebol nunca o largou. Foi baseado nessa esperança que Francisco fez de tudo para o conquistar. No decorrer de uma proposta migra para Coimbra onde irá preencher o plantel da Académica de Coimbra. Reside nessa cidade durante 2 anos, tendo posteriormente sido emprestado ao Trofense. Apesar de poder exercer a sua profissão em clubes do concelho ou da região, Francisco preferiu fixar-se localmente, por sempre ter «sonhado» fazer parte de uma equipa da primeira liga de futebol. Atualmente Francisco é jogador profissional de futebol, sentindo-se um homem realizado por tal facto. Já Clara, após um estágio profissional, teve a oportunidade de exercer a sua vocação de enfermeira no centro de saúde de Castro Daire. Contrariando essa opção, Clara aproveita a oportunidade de poder ser enfermeira num hospital em Vila Franca de Xira. A decisão de migrar prendeu-se com o facto de o estágio não ter correspondido, nem satisfeito, as expectativas que Clara depositou no estágio quando iniciou as funções de enfermeira. As expectativas fracassadas foram o elemento chave na tomada de decisão que antecedeu a saída. Na entrevista, Clara, revelou que, se as expectativas que colocou tivessem sido cumpridas, a decisão de migrar não se tinha colocado, pois revelou identificar-se fortemente com o local de origem e com a sua família, enquanto um importante valor de referência afetivo e emocional. No caso de João, foi a sua extrema ambição de progredir no emprego e na vida que o fez migrar. Entre trabalhar na pequena empresa do pai onde tinha emprego garantido, terminando a universidade, ou apostar a sua carreira na cidade de Lisboa, inserido numa grande empresa, João não se questiona duas vezes. Tal como afirma:

Lisboa é [...] Ou seja: Portugal a nível económico é Lisboa, o resto é paisagem, digamos. A nível industrial e tudo. As grandes decisões estão lá [...] Se és um pouco ambicioso e queres ganhar conhecimento, é lá. É lá que se tomam as grandes decisões [...] Todas as grandes empresas estão em Lisboa. Se estás longe deles mais uma vez ficas à parte ou é tudo muito mais complicado, portanto, se queres ser bom junta-te aos bons e é lá que [...] É Lisboa.
(João, Consultor na Cidade de Lisboa) (Sousa, 2010)

Podemos concluir a partir destes exemplos que as subjetividades/racionalidades destes jovens, isto é, o modo como interpretam os custos da fixação local (ausência de perspetivas de mobilidade; expectativas fracassadas e «sonhos» adiados) e os benefícios da migração (possibilidade de criar um projeto de vida assente na construção de um plano de carreira; satisfação de expectativas baseadas na realização pessoal e profissional ou concretização de «sonhos» e aspirações) são elementos chave na definição das mobilidades geográficas entre o campo e os agregados urbanos. No entanto, teremos que frisar que essas subjetividades/racionalidades constroem-se por referência às oportunidades objetivas das estruturas socioeconómicas da região de Castro Daire. Esta visão macrossocial articula-se facilmente com a perspetiva micro, uma vez que as mobilidades entre regiões não se constroem unicamente com base em constrangimentos externos. Na balança, entre ficar ou sair, o peso das lógicas e estratégias individuais tem também o seu valor.

As diferentes subjetividades/representações sociais destes jovens evidenciam assim um facto: uma eventual fixação local denota-se como um grande obstáculo à realização/satisfação de projetos, sonhos, ambições e expectativas. Deste modo o projeto migratório passa a ser conotado como um investimento pessoal, assente em estratégias individualizantes de promoção de melhores condições de existência (no emprego, habitação, educação, consumo, etc.) e como uma alternativa aos obstáculos estruturais e sociais que impedem essa realização.

Seguindo o nosso argumento poderemos ainda identificar uma terceira pista de análise que se prende agora com a influência de variáveis não-económicas (ex. alteração dos valores de referência), variáveis intervenientes (grau de obtenção de informação e redes de apoio) e aspetos biográficos da vida dos jovens (ex. casamento, nascimentos dos filhos, ida à universidade, etc.). As disposições individuais, os percursos biográficos e as redes sociais são os conceitos chave desta terceira pista de análise.

Se alguns jovens Castrenses se identificavam fortemente com o local de origem, na infância e adolescência, o certo é que a idade adulta vem alterar as disposições individuais de crer e agir que tinham nessas fases das suas vidas. A constatação de que o local de origem não é capaz de os acolher na transição entre a escola e o trabalho; a ida à universidade e o posterior confronto entre hábitos de ser e estar rurais e citadinos; a dinâmica rural, pacata, lenta e previsível; as restrições de acesso à cultura; o empobrecimento dos espaços sociais, de consumo, lazer e desporto, são algumas das razões que determinam essa não identificação com o local de origem e a consequente perda de valores de referência adquiridos na infância ou adolescência. Será a reivindicação do oposto disto tudo que leva alguns jovens a não se fixarem localmente. Cristina é clara na resposta quanto à razão da sua saída:

Claro. Acho que na infância, sem dúvida nenhuma. Gostava da minha aldeia. Adorava. Adorava isto [...] Castro Daire não me diz absolutamente nada. Estar aqui ou não estar, é-me indiferente. [...] Eu adoro cidades, por isso para mim é um meio muito pequeno. Eu sou uma pessoa, lá está, ambiciosa e sonho com mais do que isto. Quero muito mais para mim.
(Cristina, Técnica de Turismo, Porto) (Sousa, 2010)

Por outro lado, constatou-se que as migrações entre o campo e a cidade ocorrem também sob a influência de redes de apoio/influência ou fruto das biografias que os jovens vão construindo no plano das suas vidas. No primeiro caso, tal como como Firmino da Costa já constatou, as redes de apoio são fulcrais, nalguns casos, na elaboração dos percursos migratórios, na posterior inserção nas relações sociais urbanas e no acesso aos respetivos recursos. É através dessas relações que os migrantes arranjam alojamento/casa própria, empregos e ocupações. (Costa, 1985, p. 743) O nosso estudo constata igualmente este facto. Tomando as palavras de Joaquim, podemos dizer: “escolhi Lisboa porque tenho lá amigos e tinha lá emprego que foi arranjado por esses amigos [...] tinha casa e tinha lá emprego em Lisboa, por isso é que fui para lá.” (Joaquim, operador de call-center, Lisboa) (Sousa, 2010). Evidenciamos assim que as redes de apoio são, nalguns casos, tão influentes na vida dos jovens ao ponto de estes abdicarem de aspetos das suas vidas de modo a construírem um novo projeto assente, não em ambições, expectativas ou sonhos, mas, decorrente da influência que certos elos das suas redes sociais exercem sobre eles. No nosso estudo, o exemplo de Joaquim é peculiar. Tendo terminado o curso de turismo, Joaquim consegue uma oportunidade de emprego no Hotel Montemuro em Castro Daire. Por influência dos amigos, e ancorado em múltiplas expectativas e esperanças, decide migrar para Lisboa, onde irá ocupar um cargo fora da sua área de formação enquanto operador de call-center. Com base neste exemplo poderemos concluir que as amizades são elos influentes das redes que os jovens constroem socialmente, intervindo e apoiando-os nos seus projetos migratórios.

No segundo caso verificamos que as biografias que os jovens constroem socialmente poderão também influenciar as mobilidades geográficas. Entre os vários casos, destacamos sobretudo os jovens que deixaram Castro Daire para irem à universidade. Entre eles somente Cristina migra de Viana do Castelo para o Porto, tendo os restantes permanecido integrados nas cidades onde estudaram. Por outro lado identificamos grupos de jovens casados que migraram por não conseguirem exercer as suas vocações no concelho, tendo ficado os cônjuges e os filhos na terra natal (ex. de Joel, agente da Polícia Judiciária, Lisboa, e Constância, professora do 1º Ciclo, Lisboa) ou jovens casados que se reagruparam ao cônjuge, migrado na cidade, após o nascimento do filho/a (ex. Teresa, recenseadora agrícola, Lisboa). Nestes exemplos podemos evidenciar que os percursos biográficos dos jovens configuram as suas escolhas individuais, alterando os padrões dos seus cursos de vida por referência a estratégias familiares ou estratégias de mobilidade ocupacional, baseadas em recursos de qualificações (Savage, 1988).

Apontadas algumas pistas de análise, relativamente às razões que levam os jovens castrenses a migrar para os agregados urbanos, só nos resta questionar: quem migra afinal?

3. Os perfis de saída não se constroem do nada!

A pergunta de ouro das migrações: porque razão se migra, sempre deixou uma margem de dúvida para a questão: quem migra afinal? Estando as duas interligadas, acabaram por ser as perguntas pioneiras da

literatura das migrações. Várias foram as respostas dadas a estas questões, havendo consensos e conflitos nas diversas definições.

Em Portugal as conclusões gerais de onde se migra são consensuais. É sobretudo a população das regiões rurais remotas/periféricas que migra, tanto para o estrangeiro, como para os agregados urbanos. Relativamente a quem, é já extensa a produção científica sobre as migrações em Portugal baseada, sobretudo, em descrições quantitativas de perfis sociográficos. Neste sentido, pretendemos complementar essa produção através da descrição de perfis sociais (ou quase sociopsicológicos) que remetem, simultaneamente, para as características sociodemográficas, as expectativas/motivações e as estratégias de mobilidade (geográfica e social).

No «museu das migrações» apresentaremos o seguinte quadro social definidor de 3 perfis de saída.

3.1. As ambições movem os jovens, como os sonhos movem montanhas!

Como já foi explicitado as ambições conseguem influenciar as mobilidades geográficas de certos jovens, no sentido de estes garantirem a realização de projetos pessoais e profissionais, assentes sobretudo em estratégias de mobilidade ocupacional (carreira organizacional e recompensas financeiras, de prestígio e poder) (Peixoto, 2004). O exemplo de João, que já foi retratado, é claro nesse sentido. O estudo produz a ideia que este tipo de ambição, quando associada às condições sociais objetivas dos jovens e às suas disposições individuais de crer e agir, consegue ser um forte motor das mobilidades entre regiões. Essa mobilidade resulta das tentativas fracassadas de os jovens concretizarem essas ambições no concelho. Reagindo a esses fracassos/impossibilidades, os jovens criam esperanças subjetivas de verem concretizadas as suas aspirações fora do local de origem. As cidades de Lisboa e Porto são claramente aquelas para onde estes jovens ambiciosos mais frequentemente migram. As palavras de Eduardo são elucidativas a esse respeito, espelhando facilmente esta questão:

Como já disse antes, acho que uma pessoa que se quer desenvolver é ambiciosa [...] É nos grandes centros normalmente. Ou nas empresas especializadas na área onde se formou. [...] Em Castro Daire isso não existe [...] E é normal que as pessoas saiam de Castro Daire, porque há essa ambição de desenvolvimento profissional. [...] A minha área de formação não existe em Castro Daire, nem em Viseu, só em grandes centros como Lisboa e Porto, e por isso a minha escolha ficou logo automaticamente feita assim que acabei a universidade.
(Eduardo, Engenheiro de Telecomunicações, Lisboa) (Sousa, 2010)

Tratando-se sobretudo de jovens qualificados, jovens como Eduardo migraram para Lisboa ou Porto, dada a descoincidência entre as suas qualificações e as oportunidades de emprego do concelho de Castro Daire (Baronet, 2012a). Será essa descoincidência que impede os jovens de concretizar as suas aspirações e os seus projetos de ascensão na vida e no trabalho. Sendo jovens extremamente exigentes em relação ao mercado de emprego, procuram fora do concelho oportunidades de poderem exercer as suas vocações em setores de atividade que facilmente convertam as suas qualificações em oportunidades de mobilidade ocupacional.

O grupo de jovens «*estudantes ambiciosos, com capitais culturais, satisfeitos com a escola e exigentes em relação ao mercado de emprego*» já foi descrito por Machado Pais. (Pais, 1998a, p. 155) No estudo em causa estes jovens convertem-se no grupo de jovens «*com capitais culturais, ambiciosos profissionalmente, recompensados, satisfeitos com o emprego e exigentes em relação ao mercado de emprego*» Perante a situação de desemprego, revelam preferir migrar, do que ficar dependentes da família ou do Estado, vendo assim adiadas as esperanças subjetivas de conseguirem concretizar os seus projetos e ambições. Os jovens são assim motivados por racionalidades instrumentais e utilitárias e procuram, perante os custos da fixação local (adiamento/não concretização de projetos e ambições assentes em estratégias de mobilidade ocupacional) aproveitar os benefícios da migração, que reside, no fundo, nessa ambição de mobilidade.

Neste âmbito articulamos facilmente as teorias macro das estruturas socioeconómicas com as teorias micro do «push-pull» e da trajetória social. Essa articulação é possível porque as migrações são fomentadas pelo

facto de as estruturas produtivas/laborais da região não permitirem a realização dos projetos e ambições destes jovens. Neste sentido, apoiados nas suas múltiplas racionalidades, rejeitam o local de origem, enquanto um espaço empreendedor, e direcionam as suas estratégias económicas e de mobilidade ocupacional para os agregados urbanos.

3.2. Amor ou paixão: a cidade que seduz!

A ida à universidade é uma fase importante das biografias de alguns jovens. O estudo comparativo de Machado Pais (1998b) evidencia claramente este facto. Comparativamente a 1987, em 1997 cerca de 70% dos jovens aspiravam à obtenção de um diploma de ensino superior ou de pós-graduação. No entanto, o nosso estudo comprova que nem todos os jovens com capitais culturais são ambiciosos no sentido atrás descrito, havendo outras razões que levam os jovens a não escolher se fixar localmente.

Apesar da ida à universidade ser uma fase transitória nas biografias dos jovens, esta é adornada por símbolos e práticas, sociabilidades e formas de convivialidade que os marcam biograficamente. A primeira marca é, sem margem de dúvidas, atribuída pela rutura com o local de origem, a família e as amizades construídas na infância e adolescência, identificada esta rutura como uma forma de desterritorialização dos laços sociais (Baronet, 2012b). No decorrer dessa desterritorialização os jovens iniciam um novo ciclo de vida, já que a generalidade dos jovens entrevistados nunca tinha vivido fora do contexto familiar, nem no exterior das fronteiras da região de Castro Daire.

Quando inseridos no meio citadino surge a segunda marca, caracterizada agora pelo confronto entre as disposições individuais herdadas no meio rural e as adquiridas em meio citadino. Será a aquisição dessas novas disposições, nalguns casos mais recompensadoras que as vividas no meio rural (dinâmicas de grupo, hábitos de consumo /lazer diversificados, hábitos culturais regulares, etc.), que fortalece os laços que os jovens têm com a cidade. Será a vivência desses hábitos de ação que favorece, nalguns casos, o desejo de perpetuar no tempo a relação que assumem com a cidade. Por outro lado, as disposições herdadas na cidade poderão criar desajustamentos, sobretudo quando os jovens não conseguem encontrar no campo tudo aquilo com que se identificam na cidade. As palavras de Isabel retratam bem esta realidade quando diz: *“porque já estou a viver há 10 anos em Viseu e acho que seria uma grande diferença mudar de uma cidade como Viseu, desenvolvida em vários aspetos, e voltar para Castro Daire [...] Para um meio mais pequeno”* (Isabel, Professora de Alemão/Inglês, Viseu) (Sousa, 2010). Exemplos como este revelam que a fixação na cidade não é assente em estratégias idênticas às descritas no primeiro grupo de jovens. Apesar de também serem jovens com capitais culturais, as razões das mobilidades prendem-se em primeiro lugar com o investimento em capital humano e em segundo com o desajustamento entre as disposições individuais herdadas na cidade e o desenvolvimento particular do meio rural. Neste contexto a migração entre o campo e a cidade é feita por jovens «com capitais culturais, “seduzidos” pela cidade, acomodados à vida citadina e desajustados no local de origem». Estes jovens, na transição entre a escola e o trabalho, não colocam quaisquer hipóteses de regressarem ao meio rural, porque são motivados pela vontade de permanecer na cidade, por tudo aquilo que ela, ao contrário do campo, lhes consegue proporcionar.

3.3. A cidade permite, mas nem sempre realiza!

No entanto, nem sempre a cidade é a «menina dos olhos» de todos os jovens. Alguns migram para a cidade sem o desejarem fazer, baseados na impossibilidade/incerteza de arranjarem no concelho empregos e ocupações, que lhes permita satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência; de aquisição de graus de independência e autonomia e de realização pessoal e profissional. Para estes jovens, para quem a cidade é um destino não desejado, a migração é tudo menos espontânea e voluntária. Serão os obstáculos colocados pelas estruturas socioeconómicas da região que forçam estes jovens a migrar para as cidades. Identificamos no nosso estudo que certos jovens desejavam tudo menos migrar. Fazem-no, no entanto, na esperança subjetiva

de melhorarem as suas condições de existência, usufruindo, tanto eles como a família, dos benefícios da migração.

Estes jovens ressentem fortemente a perda do sentido de lugar (Featherstone, 2001), devido ao sentimento de desenraizamento que a migração provoca neles, pelo facto de o sentimento de pertença dificilmente se encaixar na cidade. A perda dos valores morais de referência, dos costumes, tradições, das relações genuínas, da expressividade e espontaneidade, faz com que estes jovens estabeleçam deambulações regulares entre a cidade e o campo, no sentido de reforçarem a memória coletiva que construíram no local de origem.

Neste sentido, as suas principais estratégias são as de reaproximação ao concelho. Uns porque deixaram cônjuges e filhos para trás, outros porque não se identificam com a cidade por referência aos valores e disposições individuais que conquistaram no meio rural, outros ainda porque ressentem fortemente a desvinculação física e afetiva em relação aos seus ascendentes. Tal como Joel descreve:

Se o concelho tivesse estruturas económicas que permitissem aos jovens prosseguir um trabalho e a realização profissional, com certeza que teria as condições para os fixar. Não tendo, são obrigados a procurar melhores condições de vida [...] Não havendo hipótese de permanecer em Castro Daire e tendo necessidade de ter proventos económicos que me permitissem constituir uma família, comprar uma casa, proporcionar uma boa qualidade de vida aos meus familiares, tive que sair [...] Não tive outra opção [...] Sempre tenho esse objetivo, o de poder regressar à minha terra mas isso é uma questão que só se poderá colocar quando eu conseguir harmonizar essa minha vontade com a possibilidade de ter, de realizar um trabalho na minha terra. (Joel, Agente da Polícia Judiciária, Lisboa) (Sousa, 2010)

Evidenciamos assim que jovens como Joel facilmente são enredados em sentimentos ambivalentes por sentirem que a cidade os realiza não os realizando, isto é, permite-lhes garantias de realização profissional; algumas recompensas financeiras; possibilidade de construírem certos projetos, mas não lhes dá o que mais desejam (uma vida construída em meio rural). Na mesma situação de Joel (casado e com a mulher e os dois filhos a residir em Castro Daire), encontram-se Filipa e André (casal a residir em Lisboa) e Constância (casada, com o marido e os dois filhos a residir em Castro Daire). Dito isto descrevíamos este grupo de jovens, como sendo «jovens desenraizados, apegados ao local de origem, satisfeitos com a cidade que não os satisfaz plenamente e desejosos de se reaproximarem ao concelho».

4. Considerações Finais

Migrar por vezes é uma opção, por vezes uma não opção. Quando a migração é desejada, baseada em racionalidades instrumentais e utilitárias, que ponderam custos e benefícios, tal é o caso dos jovens ambiciosos, ela é perspectivada por referência às recompensas que proporciona.

Construída pelo reflexo das estruturas socioeconómicas da região de Castro Daire, a trajetória de ambição é híper recompensante, porque permite que os jovens realizem os seus projetos e as suas aspirações de mobilidade ocupacional. Mas nem sempre a migração é um ato de livre vontade. Para os jovens que procuram uma reaproximação ao concelho, esta é sentida como uma não opção, derivada dos obstáculos estruturais que impedem estes jovens de se fixarem localmente. Se os primeiros se sentem plenamente realizados na cidade, os segundos vivem no meio quebrado, entre a ruralidade (retorno aos fim-de-semana) e a urbanidade (jornada semanal de trabalho). Considerados os autênticos rurbanos, estes jovens contrapõem-se aos que migraram para a cidade motivados por investimentos em capital humano e acabaram por se render aos encantos da cidade. Se os rurbanos desejam enquadrar as suas vidas no meio rural, os segundos sentem-se desenquadrados em relação a esse meio. Não são só as suas disposições individuais que não se encaixam nesse contexto, mas é todo o ambiente (social, cultural, económico e simbólico) que não consegue por nada se assemelhar ao que os jovens conquistaram ou herdaram da cidade.

Os diferentes perfis de saída vêm mostrar-nos que as migrações são construídas por base em múltiplas realidades que especificam as trajetórias dos jovens e relativizam o modo olhar sobre quem migra afinal. Concluimos assim que o olhar sobre as migrações terá que ser tanto qualitativo como quantitativo, macro ou micro, específico e abrangente, de modo a que as suas especificações e generalidades possam ser retratadas num quadro que se requer o mais interdependente e relacional possível.

5. Referências Bibliográficas

Baronet, Paulo R. (2012a). Porque se dá o Despovoamento das Regiões do Interior: a construção social das trajetórias de saída. Copyright.

Baronet, Paulo R. (2012, Abril). *A (des) construção dos laços sociais no contexto migratório interno: entre laços e desenlaces*. Pôster apresentado no colóquio internacional A Crise da(s) Socialização (ões), Braga, Portugal.

Bourdieu, Pierre (1998). *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora.

Costa, António Firmino (1985a). Espaços Urbanos e Espaços Rurais: Um Xadrez em Dois Tabuleiros. *Análise Social*, vol: XXI, nº 87-88-89, 735-756.

Featherstone, Mike (2001), Culturas Globais e Culturais Locais. In Fortuna, Carlos [orgs]. *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*. Oeiras: celta.

Ferrão, João y Jensen-Butler (1988). Existem «Regiões Periféricas» em Portugal? *Análise Social*, vol. XXIV, nº100, 355-371.

Gilly, Jean-Pierre (1987). Espaços Produtivos Locais, Políticas de Emprego e Transformações da Relação Laboral. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 22, 115-123.

Lahire, Bernard (2005). Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma Sociologia à Escala Individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 49, 11-42.

Marques, Teresa Sá (2005). Sistema Urbano e Territórios em Transformação. In Medeiros, Carlos Alberto [dir]. *Geografia de Portugal, vol. 2: Sociedade, Paisagens e Cidade*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Muniz, Jerônimo Oliveira (n.d.). Um ensaio sobre as causas e características da migração. Recuperado em 26 de Março, 2012, de http://www.ssc.wisc.edu/~jmuniz/ensaio_migracao.pdf

Pais, José Machado (1998a), Grupos Juvenis e Modelos de Comportamento em relação à escola e ao Trabalho: Resultados de Análises Factoriais. In Cabral, Manuel Villaverde e Pais, José Machado [et al]. *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do inquérito de 1997* (pp. 135-187). Oeiras: Celta Editora.

Pais, José Machado (1998b). Da escola ao Trabalho: O que mudou nos últimos 10 Anos?. In Cabral, Manuel Villaverde e Pais, José Machado [et al]. *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do inquérito de 1997* (189-214). Oeiras: Celta Editora

Peixoto, João (2004). As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas [WorkingPaper Nº 11]. SOCIUS, Lisboa, Portugal.

Rocha – Trindade, Maria Beatriz (1990c). Migrações no Quadro do Mercado Único Europeu, *Análise Social*, Vol. XXV, Nº 107, 465-477.

Rocha – Trindade, Maria Beatriz (1995b). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

Rocha - Trindade, Maria Beatriz (2007a). *Migrações: O Fim dos Paradigmas Clássicos*. Recuperado em 28 de Março, 2012, de https://docs.google.com/file/d/0B_9lnrV6WA26UFQwSDgzSjFXdU0/edit

Savage, Mike (1988). The missing link?The relationship between spatial mobility and social mobility.*BritishJournalofSociology*, Vol. 39, nº 4, 554-577.

Sousa, Paulo Renato Baronet de (2010), As Encruzilhadas do Despovoamento: Interior, Jovens e Emprego. O Caso do Concelho de Castro Daire. Tese de Mestrado, Coimbra, Portugal, Disponível: https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/14474/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o2010_PauloBaronet.pdf